Vivência: "Misoginia em cena – Sociopsicodrama para todos os gêneros".

Direção: Vanessa Ramalho F. Strauch (psicodramatista didata-supervisora)[1].

Ego auxiliar: Cybele Maria Rabelo Ramalho (psicodramatista didata-supervisora)[2].

Carga horária: 2h30.

O objetivo da vivência "Misoginia em cena" é promover, através do método sociodramático, o questionamento dos preconceitos misógenos e da violência contra a mulher, visando despertar caminhos coletivos transformadores de enfrentamento desta realidade social. Sabemos que a misoginia (ódio ou aversão às mulheres) está em processo avançado de criminalização no Brasil, pois o Senado aprovou o PL 896/2023, que equipara a misoginia ao crime de racismo, tornando-a inafiançável e imprescritível, com penas de 2 a 5 anos de reclusão, porém o projeto aguarda votação na Câmara para se tornar lei. Equiparando-se ao crime de racismo tal proposta visa incluir a misoginia na Lei do Racismo (Lei 7.716/1989), tratando-a como crime de discriminação ou preconceito. Se for aprovada, será punida toda conduta que promova hostilidade, menosprezo ou incitação à violência contra mulheres em razão do gênero, tanto em ambientes públicos quanto digitais, com reclusão de dois a cinco anos, além de multa. O que poderemos contribuir enquanto Psicodramatistas para trabalhar a ampliação da consciência da comunidade quanto a este tema? O Psicodrama, criado por Jacob Levy Moreno, é uma abordagem terapêutica de ação que ajuda a enfrentar a misoginia ao promover o fortalecimento emocional, a consciência crítica e a reestruturação de papéis sociais. Ao interagir com o meio e desenvolver a espontaneidade, permite desconstruir estereótipos de gênero, combater a "conserva cultural" (padrões repetitivos e patriarcais) e reduzir a violência contra a mulher. Permite que as mulheres vivenciem cenas de opressão em um ambiente seguro, estimulando respostas criativas e fortalecendo a autoestima contra a objetificação. Buscamos a Desconstrução de Papéis adoecidos, investigar conservas culturais — comportamentos automáticos e machistas herdados socialmente — que perpetuam a misoginia,

[1] Vanessa Ramalho F. Strauch – Psicóloga (UFS, 2003), psicodramatista didata supervisora, diretora de ensino e ciência da FEBRAP, coordenadora pedagógica da PROFINT e preceptora de estágio clínico no curso de psicologia da UNIT.
[2] Cybele Maria Rabelo Ramalho – Psicóloga (UFPB, 1981), psicodramatista didata supervisora, analista junguiana, docente UFS por 30 anos e diretora da federada PROFINT.

além da conscientização para tratar as vítimas, mas também como ferramenta educativa para homens, ajudando-os a repensar masculinidades tóxicas e a desvalorização do feminino. A misoginia é um fenômeno estrutural e relacional, agindo sobre as causas da violência física, psicológica e moral. Precisamos debater e promover ações de compromisso e transformação social com essa pauta. Trabalharemos com a metodologia do Sociopsicodrama/Axiodrama, de modo vivencial, seguido de processamento teórico. Assim, após as dramatizações de cenas do cotidiano, efetuamos o exercício coletivo da amplificação de transformações possíveis. Aquecimento: movimento e escultura corporal de como se sentem em relação ao fenômeno da misoginia; Dramatização: a partir da escolha de frases e imagens, os subgrupos se formam e apresentam suas cenas, que serão desdobradas pela direção e pela plateia; Compartilhamento e Encerramento: roda de ressonâncias e música finalizadora: "Nada conterá a Primavera". Utilizaremos os recursos como Músicas e Versos de poemas de Francisco del Hombre, Rita Lee, Caetano Veloso, Chico Buarque, dentre outros, apresentados em Fichas por escrito, técnicas corporais, caixinha de som, imagens/obras de arte e miniaturas. Esperamos vivenciar e refletir no processamento teórico prático vivencial, como a misoginia e violência contra mulher tem impactado nossas interações sociais.

Palavras chave: Sociopsicodrama; Violência; Gênero; Preconceitos; Misoginia.